

# A presença de autores negros no PNLD literário: De que lugar estamos falando?

*Betty Bastos Lopes Santos (UNEB)\**

<https://orcid.org/0000-0001-8879-9918>

*Luciana Sacramento Moreno Gonçalves (UNEB)\*\**

<https://orcid.org/0000-0001-8571-6064>

## Resumo:

Este artigo faz uma breve análise do acervo do Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD Literário, com relação à aprovação de obras que tratam das questões etnicorraciais ligadas à temática negra, nas edições de 2018 e 2020. Nesse recorte, buscamos quantificar a presença de autores negros e afrodescendentes cujas obras foram selecionadas pelo programa. Referendamos a importância do lugar de fala das vozes que enunciam o discurso na elaboração das narrativas, destacando a relevância dessas produções para o fortalecimento das ações pedagógicas que concorrem para o cumprimento da Lei 10639/03, bem como para o engajamento na luta contra o racismo.

**Palavras-chave:** PNLD Literário; Literatura infanto-juvenil; Autores Negros; Lei 10639/03.

## Abstract:

### **The presence of black authors in the Literary PNLD: What place are we talking about?**

This article brings a brief analysis of the collection of the Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD Literário (National Book and Didactic Material Program), regarding the approval of works that deal with ethnic-racial issues related to blackness themes, in the 2018 and 2020 editions. In this way, we propose to identify the presence of black and afro-descendant authors whose works were selected by the program. We endorse the importance of the “place of speech” of the voices that enunciate the discourse in the production of narratives, highlighting the relevance of these productions for the strengthening of pedagogical actions that contribute to

---

\* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens – PPGEL (UNEB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3228041545197577>. E-mail: [bbnlbastos@gmail.com](mailto:bbnlbastos@gmail.com).

\*\* Doutora em Linguística e Letras (PUCRS), Professora Adjunta do Departamento de Educação Campus XIII (UNEB) e Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens – PPGEL (UNEB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3833587800945065>. E-mail: [lusamog@gmail.com](mailto:lusamog@gmail.com).

the fulfillment of Law 10639/03, as well as for the engagement in the fight against racism.

**Keywords:** PNLD Literário; Children's Literature; Black Authors; Law 10639/03.

## Introdução

As lutas empreendidas pelo Movimento Negro nas últimas décadas tiveram como uma de suas principais conquistas a criação e aprovação da Lei 10639/03 que tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Africanas e Afro-brasileiras no currículo da educação básica em todo território nacional. Em consonância com esse dispositivo legal, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sugere que as escolas e sistemas de ensino incorporem aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana, como a Educação das relações etnicorraciais e o ensino da História e da Cultura Africana e Afro-brasileira (BNCC, 2018).

Nesse movimento, o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnicorraciais e para Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira propõe, como um dos objetivos específicos, “promover o desenvolvimento de pesquisas e produção de materiais didáticos e paradidáticos que valorizem, nacional e regionalmente, a cultura afrobrasileira e a diversidade” (BRASIL, 2013, p. 28). Também define como um dos eixos estratégicos e principais ações operacionais do plano “a política de material didático e paradidático”<sup>1</sup> que contemplou o Programa Nacional de Bibliotecas Escolares

(PNBE) de 1997 até sua extinção, em 2017.

Em face a essas demandas, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático - Literário (PNLD Literário), criado pelo governo federal em substituição ao PNBE, dá continuidade às propostas do Plano Nacional, fornecendo obras literárias e materiais afins para os acervos pessoais dos alunos e das bibliotecas escolares a cada dois anos. Esse programa se apresenta como um grande instrumento de incentivo à leitura e à formação de leitores infanto-juvenis, e se volta para as instituições públicas de ensino da educação básica.

Criado a partir do Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, com o objetivo de unificar as ações de aquisição e distribuição de livros didáticos e literários, antes realizadas de forma individualizada (PNLD e PNBE), o PNLD Literário trouxe como novidade a possibilidade de as escolas participarem da escolha dos títulos literários de acordo com a realidade de cada instituição, o que não era possível nos programas anteriores. Essa mudança permitiu que as equipes pedagógicas de cada unidade escolar pudessem selecionar as obras literárias conforme suas intenções educativas, direcionando o trabalho de leitura para os mais diversos propósitos pedagógicos ligados aos diferentes contextos sociais.

Dentre os objetivos dispostos no edital do PNLD literário de 2018, destacam-se o apoio à formação dos acervos das escolas públicas, o que amplia as oportunidades de uso da literatura de qualidade pelos alunos, além do compromisso com o desenvolvi-

1 Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, SECADI, 2013. 104 p. 1.

mento de competências e habilidades dos estudantes em acordo com a BNCC<sup>2</sup>. No que concerne ao trabalho com a literatura, a BNCC sugere que o texto literário, que já ocupa o centro na proposta do Ensino Fundamental, permaneça de forma nuclear no Ensino Médio, considerando a capacidade que a literatura tem de enriquecer e ampliar a percepção e a visão de mundo (BNCC, 2018).

Considera-se, portanto, que nesse caminho, o PNLD Literário pode contribuir para a formação do leitor crítico, tendo a literatura infanto-juvenil como um forte instrumento que coopera para o rompimento de convencionalismos inerentes às questões etnicorraciais, bem como para a valorização das culturas e das produções negra e afro-descendente ao oferecer obras literárias que discutam e problematizem essa temática nos espaços da sala de aula.

Além disso, destaca-se o fato de que essas obras são previamente selecionadas e basiladas segundo os pressupostos da BNCC que primam pelo desenvolvimento de ações pedagógicas ligadas ao cumprimento da lei 10639/03, viabilizando discussões que rompem com o silenciamento mantenedor das visões distorcidas sobre a cultura negra no tratamento das questões etnicorraciais.

Nessa lógica de pensamento, a literatura tem um papel fundamental nas práticas pedagógicas, despertando nos educandos o interesse pela busca do reconhecimento e da valorização das suas origens, contribuindo também para a formação de uma visão crítica sobre a realidade que os possibilite desconstruir os pensamentos opressores

2 Para mais, consultar: <https://www.fnnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/guia-do-pnld/item/12103-guia-pnld-literario-2018>. Acesso em 05 de maio de 2022.

que desrespeitam o legado da história e da cultura africana e afro-brasileira ao longo dos séculos. Assim, em concordância ao que afirma Cuti (2010), se sabemos que a literatura alimenta o imaginário, devemos pensar naqueles que dela irão se nutrir. Portanto, analisar o acervo do PLND Literário torna-se um trabalho relevante diante da urgente necessidade de discussão sobre as questões etnicorraciais em sala de aula, bem como pela importância da inserção de autores negros no programa de fomento à leitura mais relevante do país que contempla o acervo pessoal do alunado e das bibliotecas da rede pública de educação brasileira.

## **PNLD literário - uma breve análise do corpus**

O PNLD Literário, objeto da nossa pesquisa, apresentou quatro edições desde a sua criação (2018, 2020, 2021 e 2022). Para esta discussão, nos atemos apenas às edições de 2018 e 2020, que aprovaram obras para o Ensino Fundamental (anos iniciais e finais) e para o Ensino Médio, das quais selecionamos aquelas que tangenciam ou abordam a temática negra, e contabilizamos os autores negros cujas obras foram aprovadas nas mesmas edições.

A partir da análise das resenhas completas disponíveis nos dois guias<sup>3</sup> das edições acima mencionadas, listamos o quantitativo de obras que podem compor os acervos pessoais dos alunos e das bibliotecas das instituições públicas educacionais, a partir do critério de análise “obras que tangenciam

3 Para o guia de 2018, acesse: <https://www.fnnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/guia-do-pnld/item/12103-guia-pnld-literario-2018>. Já para o guia 2020, acessar: <https://www.fnnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/guia-do-pnld/item/13410-guia-pnld-2020>. Acesso em 25 de maio de 2022.

ou abordam a temática negra”. Esse recorte se justifica pelo fato de que, na fase inicial desta pesquisa, foi necessário fazer uma triagem para saber quais obras tratam superficialmente a temática, sem muito aprofundamento, demonstrando que não foram desenvolvidas com o objetivo primordial de discutir as questões etnicorraciais ligadas à cultura negra. Entretanto, há outras obras em que esse objetivo fica bastante explícito, de modo que se dedicam integralmente a esse propósito. A partir desta análise, formulamos os quadros abaixo com as obras que contemplam o nosso recorte.

Outro critério de análise utilizado nesta primeira fase foi a identificação etnicorra-

cial dos autores e, para tanto, consideramos os seguintes fatores: a heteroidentificação (cor da pele e traços fenotípicos), que inclui autores de pele retinta e pardos, a autoidentificação étnica e uma breve pesquisa em suas biografias, observando tanto sua trajetória na produção autoral voltada para a temática quanto seu engajamento com a luta antirracista.

A partir do levantamento inicial do total de obras que tangenciavam ou abordavam com maior profundidade a temática negra nos guias do PNLD Literário de 2018 e 2020, podemos verificar os resultados desta primeira análise. Vejamos agora um quadro geral das edições:

**Quadro 1** - Obras PNLD Literário, edições 2018 e 2020, que tangenciam ou tratam da temática negra e/ou afrodescendente.

| <b>PNLD LITERÁRIO EDIÇÕES 2018 E 2020 –<br/>OBRAS QUE TANGENCIAM OU TRATAM DA TEMÁTICA NEGRA</b> |                         |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------|
| Obras selecionadas – edição 2018                                                                 | 584 obras               |
| Obras selecionadas – edição 2020                                                                 | 342 obras               |
| <b>Total de obras nas duas edições</b>                                                           | <b>926 obras</b>        |
| <b>Total de obras que tangenciam ou tratam da temática negra e/ou afrodescendente</b>            | <b>82 obras (8,8%)*</b> |

**Fonte:** PNLD Literário, edição 2018. (Criação própria). \* Valores aproximados.

Nesta análise, ficou evidente se tratar de um número bastante pequeno diante do volume de literaturas aprovadas no PNLD Literário ao longo de duas edições, não chegando a 10% do total de obras. Isso nos leva a refletir sobre o fluxo de inserção de obras que discutem a temática negra em políticas de fomento à leitura como o PNLD Literário, mesmo após 17 anos da aprovação da Lei 10.639/03, tomando como base o ano dos editais 2018 e 2020.

Não obstante, o Artigo 1º, § 2º do dispositivo legal acima mencionado recomenda que os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira sejam ministrados “no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras”. (BRASIL, 2003). A ressalva constante neste parágrafo destaca a literatura como área peculiar para tratar das questões ligadas ao escopo da lei.

Entretanto, diante da data da promulgação da norma e das ofertas de obras voltadas para essa abordagem selecionadas pelo programa nas edições citadas, percebe-se que tais números ainda são consideravelmente insignificantes diante da importância que o tratamento do tema representa para a formação dos sujeitos na educação básica, gerando, conseqüentemente, resultados positivos para a sociedade como um todo no que tange ao combate da intolerância e do racismo, ainda muito comuns atualmente.

Com base nesses dados, vemos os acervos do PNLD Literário como um território privilegiado na abordagem de variados temas, entretanto parece não priorizar discussões relacionadas às questões étnicorraciais ligadas à cultura negra, mesmo diante da obrigatoriedade imposta pela lei. Isso talvez reflita o exercício do poder conferido a essas “instâncias de autoridade” (CUTI, 2010, p.46) e o pensamento, talvez ainda eurocêntrico, daqueles que pré-selecionam as obras que irão compor os catálogos antes de chegarem aos educadores. Estes, por sua vez, farão outra seleção mediante os títulos disponibilizados para que as obras cheguem ao seu leitor final (o educando). Nesse sentido, trata-se de uma cadeia de “instâncias de autoridade” que precisam estar conscientes de que essas temáticas devem ser discutidas nos espaços de sala de aula, proporcionando aos educandos a possibilidade de pensarem sobre tais questões que na maioria das vezes os envolve diretamente, em especial, nos espaços públicos da educação brasileira.

Na seção seguinte discutiremos outro aspecto importante no recorte desta pesquisa que trata da inserção de autores negros no PNLD Literário, trazendo dados relevantes para a reflexão sobre a possível supremacia branca no campo editorial brasileiro.

## **A presença de autores negros no PNLD Literário**

Por muitos séculos, o Brasil reproduziu os modelos advindos da Europa, principalmente na literatura. O escopo literário brasileiro foi se constituindo conforme os padrões europeus transportados para cá e incorporados sob a pena de não se enquadrar no atraso científico e literário. Nesse movimento, o campo da produção literária nacional também ficou restrita a um grupo de autores privilegiados e consagrados que praticamente não incluía autores negros, pela matriz racista e opressora que pregava a incapacidade intelectual e epistêmica que vigorou por muito tempo, negando aos povos negros e afro-brasileiros a oportunidade de também falar sobre suas culturas e produzir suas próprias epistemes.

Os reflexos dessa opressão ainda se veem presentes, embora mais contestados e discutidos, em vários setores da sociedade. Os espaços educacionais são terrenos propícios para essas discussões por darem conta da formação de crianças, adolescentes, jovens e adultos. É fundamental que as novas gerações conheçam o passado cruel da colonização e reajam às atrocidades cometidas contra os povos negros e seus descendentes, combatendo principalmente os efeitos do colonialismo na forma da colonialidade do ser e do saber, conceitos discutidos por Maldonado-Torres (2020), ainda muito fortes na contemporaneidade.

Choca-nos perceber o quanto é atemporal a afirmação de Abdias Nascimento (1978) que retratou o sistema educacional brasileiro na década de 70, ainda tão real nos dias atuais. Segundo o autor,

O sistema educacional foi usado como aparelhamento de controle nesta estrutura de discriminação cultural. Em todos os níveis

do ensino brasileiro – elementar, secundário, universitário – o elenco das matérias ensinadas, [...] constitui um ritual da formalidade e da ostentação da Europa, e, mais recentemente, dos Estados Unidos. Se consciência é memória e futuro, quando e onde está a memória africana, parte inalienável da consciência brasileira? (NASCIMENTO, 1978, p. 95).

Embora muitos esforços tenham sido empreendidos para que esse quadro fosse mudado, ainda vemos muita resistência no desejo de que as instituições de educação básica se transformem em espaços de excelência para a discussão de temas que resgatem a memória africana como parte inalienável da consciência brasileira. Nesse sentido, é importante pensar na decolonização do sistema educacional brasileiro. Em outras palavras, é preciso mudar radicalmente os modelos ainda bastante eurocentrados que estruturam o currículo das nossas escolas. Para tanto, a inclusão de autores negros e afro-brasileiros na literatura distribuída por programas de fomento à leitura é de suma importância para que as novas gerações estejam atentas a esses processos de negação e invisibilização dos povos que foram colonizados e subjugados à colonialidade do ser, do saber dentre outros tipos de violência.

Assim, de acordo com Maldonado-Torres (2020, p.47) “a escrita, para muitos intelec-

tuais negros e de cor é um evento fundamental. [...] é uma forma de reconstruir a si mesmo”. Daí a necessidade da afirmação de suas existências por meio da consagração de suas epistemes, na criação artística e literária, cujo valor se iguala ao de quaisquer outras culturas.

Diante disso, o PNLD Literário enquanto política de fomento à leitura deve estar alinhado ao propósito de “descolonizar a literatura” (GOMES, 2020, p. 232) nos espaços da sala de aula na educação pública, território onde atua. Assim, considerando o público de educandos que frequenta a rede pública de ensino, em sua maioria negros e afro-brasileiros, destaca-se a necessidade da inserção de autores negros e suas obras nesses programas. Estas crianças e jovens precisam conhecer suas histórias por vozes de quem sentiu e sente os mesmos dramas que a sociedade ainda impõe à população negra no Brasil, do mesmo modo como têm o direito de se verem representados nessas literaturas.

Nas obras analisadas nas edições 2018 e 2020, constatamos a presença ainda bem pequena de autores negros se considerarmos a quantidade total de obras literárias selecionadas nas duas edições (926 obras). Entretanto, no recorte das obras que tangenciam ou abordam a temática negra, os dados revelam outras interpretações, conforme podemos conferir no quadro abaixo:

**Quadro 2** - Obras PNLD Literário, edição 2018 – Ensino fundamental - autores negros brasileiros e estrangeiros.

| <b>PNLD LITERÁRIO EDIÇÃO 2018 – ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS INICIAIS E FINAIS) AUTORES NEGROS</b> |           |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| Total de autores das obras que tangenciam ou abordam a temática negra                          | 30        |
| Autores negros e afrodescendentes que tiveram obras aprovadas                                  | 9 (30%)*  |
| Autores não negros que tiveram obras aprovadas                                                 | 21 (70%)* |

**Fonte:** PNLD Literário, edição 2018. (Criação própria). \* Valores aproximados.



Nesta edição, dentre as 400 obras selecionadas para o Ensino Fundamental (anos iniciais e anos finais), 30 tangenciavam ou abordavam a temática negra e apenas 9 são de autores negros. Dentre eles, vemos alguns autores renomados cuja produção já é bem reconhecida nas discussões sobre temas ligados à cultura negra pelo seu engajamento na luta contra o racismo, a exemplo de bell hooks, Lázaro Ramos e Júlio Emílio Braz, além de outros autores também co-

nhecidos no campo literário.

Dentre as obras para o Ensino Médio, nesta edição, nota-se um surpreendente aumento na inserção de autores negros em relação ao Ensino Fundamental, conforme se pode verificar no quadro abaixo. Nota-se a presença de autores bastante consagrados, como Conceição Evaristo, com três importantes obras selecionadas; Marcelo D'Saete com duas obras; Lázaro Ramos e Nei Lopes, cada um com uma obra aprovada.

**Quadro 3** - Obras PNLD Literário, edição 2018 – Ensino Médio – autores negros brasileiros e estrangeiros.

| <b>PNLD LITERÁRIO EDIÇÃO 2018 – ENSINO MÉDIO – AUTORES NEGROS</b>     |           |
|-----------------------------------------------------------------------|-----------|
| Total de autores das obras que tangenciam ou abordam a temática negra | 27        |
| Autores negros e afrodescendentes que tiveram obras aprovadas         | 16 (59%)* |
| Autores não negros que tiveram obras aprovadas                        | 11(41%)*  |

**Fonte:** PNLD Literário, edição 2018. (Criação própria). \* Valores aproximados.

Das 184 obras selecionadas nesta edição, apenas 30 tangenciavam ou abordavam a temática negra. Quanto aos autores, dos 27 selecionados, 16 eram negros ou afrodescendentes, quase o dobro do número de autores negros na edição anterior.

Na edição de 2020 para o Ensino Fundamental (anos finais), foram selecionadas 342 obras, das quais 24 tangenciavam ou tratavam das questões etnicorraciais ligadas à cultura negra e apenas 8 eram de autores negros, conforme se pode ver no quadro abaixo.

**Quadro 4** - Obras PNLD Literário, edição 2020 – Ensino Fundamental (anos finais) - autores negros.

| <b>PNLD LITERÁRIO EDIÇÃO 2020 – ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS FINAIS) – AUTORES NEGROS</b> |          |
|---------------------------------------------------------------------------------------|----------|
| Total de autores negros e não negros nesta edição                                     | 23       |
| Autores negros e afrodescendentes que tiveram obras aprovadas                         | 8(34%)*  |
| Autores não negros que tiveram obras aprovadas                                        | 16(66%)* |

**Fonte:** PNLD Literário, edição 2020. (Criação própria). \* Valores aproximados.

Nesta edição, mais uma vez o número de autores negros é baixo, praticamente a metade em relação a quantidade de auto-

res não negros. Numa visão geral das obras aprovadas pelo PNLD Literário, temos os seguintes dados:

**Quadro 5** – Visão geral de obras e autores no PNLD Literário, edições 2018 e 2020.

| <b>OBRAS QUE TANGENCIAM OU ABORDAM A TEMÁTICA NEGRA E AUTORES NEGROS/AFRODESCENDENTES NO PNLD LITERÁRIO EDIÇÕES 2018 E 2020</b> |             |             |                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|-------------|-------------------|
| <b>Edições do PNLD Literário</b>                                                                                                | <b>2018</b> | <b>2020</b> | <b>Total</b>      |
| <b>Total de obras</b>                                                                                                           | <b>584</b>  | <b>342</b>  | <b>926</b>        |
| Obras que tangenciam ou abordam a temática                                                                                      | 58 (9,9%)*  | 24 (7%)*    | <b>82 (8,8%)*</b> |
| Obras que tangenciam ou abordam a temática cujos autores são negros/afrodescendentes                                            | 27(46%)*    | 8(33%)*     | <b>35(42%)*</b>   |
| <b>Autores no geral (negros e não negros)</b>                                                                                   | <b>57</b>   | <b>23</b>   | <b>80</b>         |
| Autores negros/afrodescendentes em relação ao total de autores no geral                                                         | 25(43%)*    | 8(34%)*     | <b>33(41%)*</b>   |

**Fonte:** PNLD Literário, edições 2018 e 2020. (Criação própria). \* Valores aproximados.

Neste quadro, vemos que o número de autores negros/afrodescendentes em relação ao total de autores no geral passa a ser relativamente significativo, contemplando 41% dos autores incluídos no Programa, dentro do recorte da pesquisa. Entretanto, devemos considerar estes dados dentro total de obras que tangenciam ou abordam a temática negra, o que corresponde a apenas 82 das 926 obras no geral.

Esses dados, ainda que tímidos quando vistos no conjunto da obra, sinalizam alguns avanços e conquistas logrados a partir das lutas empreendidas ao longo de duas décadas desde a aprovação da Lei 10639/03 e das intensas ações e discussões promovidas pelo Movimento Negro. Não podemos também desconsiderar os privilégios da população branca, historicamente sustentados, quanto aos direitos básicos de todo cidadão, principalmente, quanto ao acesso à educação e a legitimidade atribuídas a suas vozes em detrimento de outras na sociedade.

Uma pesquisa realizada por Luena Pereira (2016) mostra que o volume de lite-

raturas infanto-juvenis ligadas à temática afro-brasileira começou a crescer dois anos depois da promulgação da lei. Foi notório um maior interesse de autores junto às editoras de literaturas infanto-juvenis para a publicação de livros que contemplassem as exigências previstas na lei. Nesse movimento, destaca-se também a presença de muitos autores brancos produzindo obras que contribuem para a discussão, talvez por uma “obrigatoriedade educacional”, como afirma Cuti (2010, p. 43), e/ou motivados pela intenção de contribuir com a militância antirracista por reconhecerem a importância da abordagem sobre a história e a cultura negra em sala de aula na formação de uma geração mais atenta a essas questões.

Das 82 obras que tratam da temática etnicorracial ligada à cultura negra, nas duas edições, podemos destacar 49 autores brancos, desde os mais consagrados, como Ana Maria Machado, Sérgio Capparelli e Mirna Pinsky até outros cujos nomes são menos conhecidos. Esses dados suscitam uma discussão há muito travada por teóricos como



Dalcastagnè (2002), Ribeiro (2020), Cuti (2010) e Evaristo (2009) sobre a voz que enuncia o discurso na literatura. Para Dalcastagnè (2002), ainda predomina na sociedade a definição de literatura circunscrita num espaço privilegiado de expressão, valorizando os modos de manifestação de uns grupos em detrimento de outros.

Fazendo uma análise mais acurada dos números, percebemos ainda que, na edição de 2018, das 584 obras aprovadas, 58 tangenciam ou abordam questões relacionadas à temática negra e 25 são de autores negros ou afrodescendentes. Já na edição de 2020, das 342 obras aprovadas, 24 fazem essa abordagem e apenas 8 são de autoria negra ou afrodescendente. Esses números apontam para a necessidade de maior inserção de autores negros no programa, ainda que tenha ocorrido, nos últimos anos, uma crescente produção de obras de autores que se autodeclararam negros, notadamente, depois das mobilizações dos órgãos engajados ao Movimento Negro no Brasil e da aprovação da lei 10639/03.

Alguns debates e conceitos que vêm ganhando espaço podem nos ajudar a refletir sobre esse quadro, no que se refere à presença de autores negros no PNLD Literário, como uma forma de descolonização dos currículos escolares que ainda primam pela supremacia da produção literária eurocêntrica e canônica, muitas vezes reforçando ideologias racistas e autoritárias. Discutindo sobre a possibilidade dessa descolonização dos currículos por uma perspectiva negra e brasileira, Gomes (2020) afirma que esse processo só se dará a partir da mudança de olhares sobre os sujeitos, suas experiências e sobre a forma como produzem seus conhecimentos, reconhecendo-os e legitimando-os epistemologicamente. Nesse sentido, consagrar novas produções literá-

rias que destoem dos cânones e que introduzam outras vozes no campo literário é uma ação relevante no momento em que se agregam autores negros e afrodescendentes como produtores de conhecimentos ligados à sua cultura, principalmente em programas como o PNLD Literário.

Nessa vertente, a criação da Associação Brasileira de Pesquisadoras e Pesquisadores Negros (ABPN) que promove, desde 2017, o Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros (COPENE) é uma ação afirmativa que passou a reivindicar esse “lugar de fala” (EVARISTO, 2009) autorizado, subvertendo a lógica acadêmica eurocentrada (GOMES, 2020). Esses eventos marcam uma posição político-ideológica muito necessária na atualidade, revelando e promovendo autores negros que compartilham conhecimentos construídos a partir de suas experiências e vivências numa sociedade que ainda exclui e tenta silenciar vozes denunciadoras de práticas racistas e autoritárias vigentes.

De acordo com Cuti (2010), a produção literária de negros e brancos que aborda questões inerentes às relações inter-raciais apresenta diferentes vieses devido ao “lugar socioideológico” de onde esses autores produzem. Esse lugar socioideológico, segundo ele, tem a ver com a subjetividade que cada um sustenta, ou seja, com as experiências, os sentimentos, as fantasias, as vivências e as reações frente às consequências da discriminação racial e do preconceito. (CUTI, 2010, p.32). Nesse sentido, cabe pensar sobre quem são esses autores cujas obras foram aprovadas no PNLD Literário, suas histórias, suas vivências e experiências e que tipo de produção literária estão propondo para as novas gerações, ou seja, qual o “lugar socioideológico” que eles ocupam.

Ao discutir sobre a produção da literatura a partir do seu lugar de fala, Conceição

Evaristo (2009, p.18) assegura que todo texto possui uma subjetividade própria do sujeito que constrói a escrita, um ponto de vista que está intimamente ligado ao um corpo negro e a uma vivência de experiências que um “corpo não negro” jamais experimentou. Isso é evidente em sua obra, pois as suas “escrevivências” reúnem ao mesmo tempo escrita e experiência num relato testemunhal de sua vida enquanto um corpo de mulher negra numa sociedade racista, machista e opressora.

Com esse discurso, não estamos defendendo a ideia de que só quem tem legitimidade para falar de temáticas etnicorraciais são pessoas negras ou afrodescendentes, mas queremos destacar a importância do “lugar de fala” (RIBEIRO, 2020) e da voz autoral de cada sujeito e de suas experiências de vida que, certamente, trazem novos olhares e provocam diferentes impactos, no processo de transformação promovido pela leitura através dessas histórias. Mais além, reconhecemos a importância da quebra da supremacia epistemológica ou do “racismo epistemológico”, no dizer de Gomes (2020), ligados à ótica das vozes brancas que não vivenciaram as experiências da população negra, o que faz muita diferença na produção dos discursos, além do reconhecimento do direito à produção de variadas epistemes, não apenas de viés eurocentrista.

Reforçando a discussão sobre “lugar de fala”, Djamilia Ribeiro (2020, p.85) defende que essa expressão está relacionada a um *locus* social no qual cada indivíduo pode falar a partir de diferentes posições sociais. Entretanto, a autora destaca a importância de que a história da escravidão no Brasil seja contada não somente pela ótica do branco, mas, essencialmente, pela lógica de quem foi vítima, sentiu e ainda sente na pele as dores desse sistema cruel. Acrescentamos

que sejam contadas também as conquistas, os saberes, suas lutas, as narrativas heroicas e seus personagens simbólicos que marcaram a história dos povos negros na resistência contra a escravidão.

## O Negrismo no PNLD Literário

Todas as discussões aqui levantadas nos conduzem a pensar sobre a prática do Negrismo, que se constitui, ao nosso ver, na utilização de assuntos relacionados aos negros e a sua cultura por autores brancos, não obrigatoriamente mantendo nenhum tipo de compromisso ideológico ou identitário nessas produções. Para melhor elucidar o conceito, Luiz Henrique Oliveira (2017) pondera que no negrismo

existe uma voz autoral externa à afrodescendência, explícita ou não no discurso, mas que se simpatiza com o universo deste coletivo; são abordados temas afro-brasileiros e africanos; há recorrentes construções linguísticas marcadas por um “arremedo” de afro-brasilidade ou africanidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido. Não há um projeto sistêmico de intervenção social por parte dos autores, tampouco um sentido de intervenção coletiva na cena pública, embora críticas inúmeras se façam presentes. (OLIVEIRA, 2017, p. 156).

Percebemos a presença de autores que se encaixam nessa perspectiva no PNLD Literário. Autores brancos bastante reconhecidos na literatura brasileira que tiveram obras aprovadas nas duas edições do Programa, como já citamos anteriormente.

No universo das obras selecionadas, gostaríamos de destacar o livro *Rapunzel e o Quibungo*, aprovado pelo PNLD Literário (2018) para o Ensino Fundamental - anos iniciais, para problematizarmos a questão. A obra compõe uma coleção de outros temas de clássicos universais adaptados ao cenário brasileiro, em diferentes regiões, com

personagens negras, destacando a cultura local e suas tradições. A coleção da qual faz parte foi produzida pelos autores brancos<sup>4</sup> Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho e publicada pela Editora Mazza, em 2012. Entretanto, as obras revelam uma preocupação com relação à ausência da representação negra nos contos clássicos europeus, por questões óbvias pelas quais sempre foram recontados aqui no Brasil e se fazem presentes na maioria das bibliotecas escolares. Os autores inserem elementos da cultura africana e adaptam os personagens dos contos clássicos, caracterizando-os como negros e afrodescendentes.

A adaptação dessas obras pode contribuir para a valorização de temas relacionados à cultura africana e afro-brasileira e fortalecer a representação das personagens negras nos contos clássicos. Isso permite que as crianças de hoje se vejam representadas nessas histórias, sempre presentes em sua infância e ao longo de suas vidas, ao contrário das gerações mais antigas, que só conheceram essas narrativas com personagens de pele clara, olhos verdes ou azuis e cabelos longos e lisos, a exemplo da caracterização convencional dos príncipes e princesas.

Na luta contra as posturas hegemônicas do saber, principalmente nas questões relacionadas à etnicidade racial, as representações formuladas nos textos literários tanto podem contribuir para reforçar quanto para romper as narrativas que historicamente anularam o povo negro e o reduziram à imagem de inferioridade, negando-lhes a condição inalienável da humanidade. Assim, embora os personagens sejam caracterizados como negros e a narrativa traga elementos

da cultura africana em todo o seu enredo, a base eurocêntrica do conto clássico ainda permanece bem alicerçada. Desta feita, as personagens negras aparecem figurando uma história que não é sua, que não tem raízes pautadas na África. Essas adaptações acabam reforçando a invisibilidade de histórias que falam da cultura negra e dos povos africanos com toda a sua riqueza, ocultando as histórias dos príncipes e princesas negros e as aventuras dos seus reinos.

Tomando o conceito de representação a partir de Stuart Hall (2016, p.31) como “uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos entre os membros de uma cultura” na sociedade, pensamos o quanto é importante avaliarmos as representações que permeiam as produções literárias, principalmente, no âmbito da literatura infanto-juvenil, fase em que as percepções sobre a vida, sobre o mundo, sobre o outro e sobre si mesmos ainda estão sendo forjadas. Assim, importa demarcar o lugar a partir do qual cada um produz os seus discursos e compõe as narrativas que permeiam o imaginário infantil, não se olvidando das histórias construídas pelos seus antepassados, que explicam muito sobre quem são na atualidade.

Embora o PNLD Literário apresente um número considerável de autores brancos que incorporam temáticas do universo negro, não podemos deixar de destacar o crescimento no número de autores negros que têm suas obras aprovadas no programa. Ainda que essa representatividade numérica seja pequena em algumas edições e significativa em outras, percebemos a presença de autores que se autodeclaram negros e cujas obras expressam relevância primordial na luta contra o racismo em todas as suas nuances, a partir de seus comprometimentos políticos, identitários e ideológicos. Podemos

4 Classificação feita a partir do critério hetero-identificação considerando a cor da pele e traços fenotípicos.

citar como exemplo as obras de Conceição Evaristo que revelam um “lugar de fala” de uma mulher negra e descendente de pessoas que foram escravizadas, cuja subjetividade na escrita denuncia as suas vivências mais duras, cruéis e injustas, numa sociedade que sempre viu o negro como inferior.

A autora teve três obras de relevância aprovadas no PLND Literário na edição de 2018, para o Ensino Médio: *Olhos D'água*, *Ponciá Vicêncio* e *Becos da Memória*. Em *Olhos D'água*, Conceição Evaristo apresenta uma coletânea de 15 contos, originalmente publicados na série Cadernos Negros. Esses contos apresentam personagens femininas negras de classe desfavorecida, em regiões periféricas e de favela, onde a temática da violência urbana é explorada.

Na obra *Ponciá Vicêncio*, a autora conta a história da personagem-título, mulher negra, neta de pessoas que foram escravizadas, que carrega as marcas da herança da escravidão. Ponciá deixa o povoado onde morava e vai viver na cidade, usando sua sabedoria para enfrentar as dificuldades decorrentes do fim da escravidão. Na terceira obra, *Becos da Memória*, Conceição Evaristo narra a vida de uma menina sonhadora que vivia na favela. O romance denuncia as dificuldades enfrentadas neste ambiente pobre, esquecido e invisibilizado. O livro é uma forma do que Conceição chama de “escrevivência”, ou seja, a sua escrita se alimenta da sua própria experiência de vida.<sup>5</sup> Segundo Cátia Maringollo (2014, p.10), a escrevivência é compreendida “como argamassa criativa a sua experiência de vida”. Para ela,

Evaristo escreve estabelecendo um constante diálogo entre o meio social, cultural, histórico e de gênero em que vive com as obras

que escreve. A poética da Escrevivência significa escrever sobre a vida, abarcando a experiência múltipla e diversa dos afrodescendentes; significa também utilizar retalhos de memórias para a construção das narrativas. Apoiada em sua vida, Conceição Evaristo confunde, inventa, cria e recria o material narrativo para a construção das narrativas. (MARINGOLLO, 2014, p.10).

Com suas escrevivências, Conceição Evaristo constrói um grande legado de luta e de resistência, usando a escrita como um instrumento de poder numa sociedade que ignora, despreza e tenta silenciar as vozes das pessoas negras. A presença dessa literatura no PNLD Literário reflete um grande avanço, embora saibamos que um dos maiores desafios se relaciona ao modo como essas literaturas chegarão às crianças, adolescentes e jovens, nos distintos espaços escolares, na intenção de que eles possam ressignificar essas histórias e suas existências.

Nesta seara, Evaristo (2003) afirma que as mulheres investem contra variadas formas de silenciamento fazendo-se ouvir na sociedade brasileira e reforça que, no fazer literário das mulheres negras,

pode-se dizer que os textos femininos negros, para além de um sentido estético, buscam semantizar um outro movimento, aquele que abriga todas as lutas. Toma-se o lugar da escrita como direito, assim como se toma o lugar da vida. (EVARISTO, 2003, p. 7).

O fazer literário de mulheres negras também é uma forma de reação contra o “epistemicídio”<sup>6</sup>, considerado um eficiente elemento constitutivo do dispositivo de racialidade/biopoder (CARNEIRO, 2005, p.96), que tenta silenciar as vozes, destruir as subjetividades e atrofiar as produções dos negros nos âmbitos literário, social, político e artístico-cultural.

6 Conceito discutido por Boaventura de Souza Santos e retomado por Sueli Carneiro (2005).

5 Para mais detalhes, acessar: [https://pnld.nees.ufal.br/pnld\\_2018\\_literario/etapa-ensino/2018-literario\\_ensino\\_medio](https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2018_literario/etapa-ensino/2018-literario_ensino_medio). Acesso em: 26 de maio de 2022.

A supremacia de autores brancos no campo literário brasileiro ainda é uma questão bastante discutida na atualidade. Pensar sobre o “lugar de fala” no processo de enunciação das pessoas negras torna-se uma questão crucial quando se trata de produções editoriais cujos objetivos não estão meramente ligados a demandas lucrativas. Para além do cumprimento dos dispositivos legais que tratam da obrigatoriedade na abordagem da temática, vê-se, nesse movimento, a necessidade urgente de diálogo, principalmente com as novas gerações, para que desenvolvam outros olhares a partir de quem são, em um processo contínuo de autoaceitação e de valorização das suas origens, construindo novas representações que passem a figurar na sociedade.

Entretanto, toda contribuição no combate ao racismo é sempre bem-vinda, mesmo que seja impulsionada por uma “obrigatoriedade educacional” ou pelo desejo de agregar-se à luta, no caso de autores brancos. Essa é uma luta que reivindica a participação de toda a sociedade e não somente dos grupos outrora excluídos. Porém, é preciso calibrar os discursos na produção das narrativas de forma que tais publicações não sigam na contramão do discurso emancipador.

É notório que a literatura no espaço escolar em muito pode contribuir para o rompimento das representações que continuam fixando ideias de menosprezo, de inferioridade, de subalternidade, de incapacidade intelectual às populações negras por meio das posições de poder. A literatura, através da linguagem e de seus significados, pode auxiliar na formação de representações mais justas e na compreensão das diferenças existentes num país multicultural. Desse modo, a existência de políticas públicas de incentivo à leitura é muito importante

para a conjunção de ações promotoras das discussões sobre as questões etnicorraciais nos espaços escolares.

## Considerações Finais

O quadro geral das duas edições do programa revela apenas 82 duas obras que tratam da temática etnicorracial ligada à cultura negra num universo de 926 obras. Esses números refletem o pensamento ainda eurocentrado da nossa sociedade e o quanto os nossos currículos ainda estão colonizados, mesmo após 15 anos da aprovação de um dispositivo legal que tornou obrigatórias as discussões ligadas à história e à cultura africana e afro-brasileira nos currículos de todo o território nacional, levando-se em conta a data da primeira edição do Programa.

O número de autores negros inseridos no PNLD Literário também nos chama atenção para a necessidade de valorização dos saberes afro-brasileiros, bem como para a reivindicação dos lugares de fala e da posição socioideológica que esses autores ocupam, o que garante a legitimidade na produção de suas obras, uma vez que tais números também se revelaram de forma tímida nas edições de 2018 e 2020, correspondendo a 30% do total de autores na primeira edição e apenas 8% do total de autores da segunda edição, em obras que tratam da temática negra. Nesse movimento, a edição de 2018, obras destinadas ao Ensino Médio, apresentou um resultado animador quanto ao número de autores, ao revelar 59% de autoria negra nas obras que tratam da temática em análise, em relação ao seguimento Ensino Fundamental (anos iniciais e finais) na mesma edição e aos números da edição de 2020.

Não há dúvidas de que a presença de autores negros no PNLD Literário, tímida em alguns momentos e crescente em outros, pode ser vista como resultado de todo um

processo de determinação, de conquista, de posicionamento político, social, ideológico e de engajamento na luta contra o racismo, que vem sendo travado ao longo de décadas na nossa sociedade. Entretanto, tais números ainda se mostram incipientes diante da urgência no tratamento das questões etnicorraciais e no combate ao racismo que segue gerando suas vítimas na sociedade, inclusive nos espaços educacionais.

Sabemos o quanto a literatura pode contribuir para a desconstrução do estigma de incapacidade atribuído aos povos negros e a seus descendentes que foi exercido no decorrer da nossa história como um mecanismo da colonialidade. Portanto, espera-se que em programas de incentivo à leitura como o PNLD Literário haja oportunidades equitativas para a publicação de obras de autores negros e maior valorização de suas epistemes, não apenas para o cumprimento da lei mas, sobretudo, como reflexo da mudança de pensamento que significa a descolonização dos currículos, bem como dos pensamentos e comportamentos na sociedade. Espera-se, assim, a ocupação legítima dos lugares de fala, impulsionando também espaços igualitários de autoria e de representatividade na literatura infantil e juvenil que adentra os espaços escolares.

## Referências

BRASIL. **Lei 11.645/2008**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação 14 nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm). Acesso em 26 de maio de 2022.

BRASIL, Ministério da Educação. **Plano nacional de implementação das diretrizes**

**curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. 2013. 104p. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=10098-diretrizes-curriculares&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10098-diretrizes-curriculares&Itemid=30192). Acesso em 01 de junho de 2022.

BRASIL. **Lei 10639/2003**, de 9 de janeiro de 2003. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “história e cultura afro-brasileira” e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso em 26 de maio de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica. **Edital Consolidado PNLD Literário. 2018**. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/11568-edital-pnld-liter%C3%A1rio>. Acesso em 26 de maio de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica. **Edital Consolidado PNLD Literário. 2020**. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/11555-edital-pnld-2020>. Acesso em 26 de maio de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica. **Guia Digital PNLD 2018 - Literário**. Disponível em: [https://pnld.nees.ufal.br/pnld\\_2018\\_literario/inicio](https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2018_literario/inicio). Acesso em 26 de maio de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica. **Guia Digital PNLD 2020 - Literário**. Disponível em: [https://pnld.nees.ufal.br/pnld\\_2020\\_literario/inicio](https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2020_literario/inicio). Acesso em 26 de maio de 2022.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em:



<https://repositorio.usp.br/item/001465832>. Acesso em 01 de junho de 2022.

COELHO, Ronaldo Simões; AGOSTINHO, Cristina. **Rapunzel e o Quibungo** – adaptação - Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. 20p.

CUTI, Luis Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Uma voz ao sol**: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, v. 20, p. 33-77, 2002. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/9705>. Acesso em 08 de julho de 2022.

DALCASTANGNÈ, Regina. **Um território contestado**: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. Vinhedo, editora Horizonte. Rio de Janeiro: Uerj, 2012.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. -3 ed.- Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Gênero e Etnia**: uma escre(vivência) de dupla face. 2003. Disponível em: <http://nossaescrivencia.blogspot.com/2012/08/genero-e-etnia-uma-escrevivencia-de.html>. Acesso em 06 de junho de 2022.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v.13, n.25, p.17-31, 2º sem. 2009.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Editora Pallas Mini, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2018.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando currículos. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Da-

niel Miranda e Willian Oliveira. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio. Apicuri, 2016. 260p.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MARINGOLLO, Cátia Cristina Bocaiuva. **Ponciá Vicêncio e Becos da Memória de Conceição Evaristo**: construindo histórias por meio de Retalhos de memórias. 2014.132f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/115842/000810186.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 11 de junho de 2022.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1978.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. Manifestações do negrismo no modernismo brasileiro: poesia e romance. **Navegações**. v.10, n.2, p.156-164, jul.-dez. 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/23862>. Acesso em 06 de fevereiro de 2023.

PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. Literatura Infanto-juvenil: discursos afro-brasileiros em construção. **Intersecções**, v.18, n.2, p.431-457, dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/irei.2016.26576>. Acesso em 06 de junho de 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**: feminismos plurais. São Paulo: editora Jandaíra, 2020.

*Recebido em: 14/03/2023*

*Aprovado em: 19/05/2023*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.